

Notícia e reportagem: sutis diferenças

Felipe Franceschini

Para o grande público, “notícia” e “reportagem” são sinônimos: notícia – diriam muitos leitores assíduos da grande imprensa – é a reportagem sobre alguma coisa. Mesmo entre pessoas com algum conhecimento de comunicação, os dois termos são às vezes usados indistintamente, como se ambos se referissem ao mesmo gênero de texto jornalístico. Em algumas emissoras de rádio, como a Globo AM, o termo “reportagem” chega a ser usado no encerramento de notícias, como parte da assinatura padrão.

Mesmo os profissionais de jornalismo, que distinguem com clareza os dois formatos, nem sempre se arriscam a apontar as fronteiras que separam um e outro. Mais do que uma questão eminentemente técnica, a distinção entre a notícia e a reportagem pode auxiliar o público a aumentar o senso crítico em relação ao jornal, rádio ou TV que acompanha, na medida em que permite ao leitor, ouvinte ou telespectador perceber o grau de motivação do veículo em divulgar informações sobre determinados assuntos, e não sobre outros.

Entre os estudantes, uma visão mais clara pode proporcionar um aproveitamento maior na leitura dos jornais e revistas. Para quem está aprendendo em sala de aula técnicas como o lead e a pirâmide invertida, fica difícil identificá-las olhando para uma reportagem, texto em que muitas vezes o primeiro parágrafo é descritivo, ou então parte de um aspecto secundário

como “gancho” para o assunto principal. No caso da notícia, essas técnicas são identificadas sem dificuldade, como demonstra o texto de O Globo:

PF caça guerrilheiro colombiano em favela

Na primeira ação conjunta entre as forças de segurança dos governos federal e estadual, 40 agentes da Polícia Federal, com o auxílio de homens da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) e de dois helicópteros da Coordenadoria Geral de Operações Aéreas (Cegoa) da Polícia Civil, ocuparam ontem o Morro da Fazendinha, no Complexo do Alemão, em Inhaúma. O objetivo era tentar localizar um integrante das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que estaria escondido na região, treinando traficantes para o emprego de táticas de guerrilha. Houve uma rápida troca de tiros com os bandidos e um agente da Core foi balçado em um dos pés. No fim da operação, o homem não foi localizado. (...) (A matéria segue com mais sete parágrafos.)¹

O *lead* esclarece, em ordem de importância, que se trata da ocupação de um morro, quem são as pessoas envolvidas – caçadores e caça –, as circunstâncias de tempo e de lugar, o modo como se deu a ocupação e o motivo pelo qual o homem era procurado. As informações que constam do *lead* são as mais importantes e serão detalhadas ao longo do texto.

Já no texto seguinte, do Jornal do Brasil, o primeiro parágrafo também responde às seis perguntas essenciais, mas, como estratégia, elege um personagem de importância secundária no texto, para a partir desse personagem chegar ao assunto principal:

UBERLÂNDIA – Adnan Jobran usa roupas brancas para presenciar o abate de frangos na processadora de alimentos Sadia, garantindo que eles morram de acordo com as diretrizes aceitas pelos muçulmanos, com os pescoços cortados em um movimento de meia-lua. Na unidade próxima de Uberlândia, a 550 km de São Paulo, cerca de 10% dos 140 mil frangos e 10 mil perus produzidos diariamente são mortos segundo os rituais islâmicos e enviados a países como Arábia Saudita e Du-

bai, afirmou Jobran, que possui um exemplar do Alcorão sobre a mesa e decora o escritório com cartazes de santuários muçulmanos. (...)²

Caso desconheça que a segunda matéria não é uma notícia, e sim uma reportagem, ficará à procura da pirâmide invertida, perguntará a si mesmo se a presença de um livro sobre a mesa e a decoração de um escritório são dados importantes ao ponto de constarem do *lead*. Ou sentirá a incômoda sensação de que existe um descompasso entre as técnicas apresentadas no curso e aquilo que sai publicado nas páginas.

O objetivo desta reflexão é apresentar algumas diferenciações entre notícia e reportagem, a fim de facilitar o estudante de jornalismo na aplicação desses conceitos não apenas em seus trabalhos de cunho acadêmico, no âmbito da faculdade, como também na sua iniciação profissional. Já para estudantes e profissionais de outras áreas, um olhar mais atento sobre essa questão poderá tornar mais visíveis os critérios para a seleção de temas que irão compor a pauta diária da grande imprensa.

Os diferentes gêneros jornalísticos

As matérias jornalísticas podem ser enquadradas em alguns gêneros mais frequentes. Um deles é o artigo, no qual o autor (o artigo é necessariamente assinado) analisa um fato ou uma série de fatos em relação ao contexto político, social, econômico ou comportamental. Apesar de ser, em primeiro lugar, a análise de um fato elaborada por um jornalista especializado naquela área, e não um julgamento daquele fato, o artigo jornalístico é também um espaço no qual o autor eventualmente inclui, de forma implícita ou explícita, sua opinião, sua visão pessoal ou suas conclusões.

Da mesma forma, a coluna – espaço prioritariamente destinado à informação exclusiva, ao bastidor da notícia – comporta a manifestação do colunista sobre aquele fato que está informando ou analisando, seja pela postura irônica em relação aos eventos e personagens abordados ou por previsões, veredictos e opiniões do jornalista que assina a coluna.

Outro gênero é o editorial, espaço reservado (inclusive no projeto gráfico dos jornais) para a manifestar a opinião do veículo, da instituição – opinião essa que na verdade é definida pelos dirigentes (muitas vezes o próprio dono) da empresa. Ao contrário dos outros formatos, o editorial não tem qualquer

preocupação em informar o leitor, mas sim em formar opinião. Em vez de fatos, traz argumentos, que se tornam convincentes graças a recursos de retórica. Por emitir a opinião do veículo, nunca³ é assinado – caso contrário, o leitor identificaria aquela posição como sendo a do autor do texto.

Menos freqüente, mas ainda presente nos jornais brasileiros, é a crônica. Construída em torno de personagens, às vezes fictícios, a crônica focaliza um fato do cotidiano, quer ele tenha, ou não, gerado impacto como notícia. Também necessariamente assinada, a crônica mistura o factual com a ficção, dá um tratamento de certa forma literário à informação e permite ao autor opinar, seja de forma pessoal ou por intermédio dos personagens que ele criou ou escolheu.

Portanto, a crônica, o editorial, a coluna e o artigo são gêneros jornalísticos marcados, em maior ou menor grau, pelo caráter opinativo. Desses formatos o leitor não espera isenção, distanciamento e objetividade. Neles, a manifestação explícita da opinião, seja do autor ou veículo, não é mal recebida.

Paradoxalmente, esses formatos opinativos são os que acabam exercendo menor influência na formação de opinião do conjunto de leitores, uma vez que são lidos por muito poucos – assim mesmo, esses poucos o fazem mantendo a reserva de quem tem relativa consciência⁴ de estar diante da análise, da visão pessoal e da opinião de alguém, e não de um fiel e isento espelho da realidade⁵. Por mais que rendam prestígio ao veículo, editoriais, colunas, crônicas e artigos são ignorados ou pouco lidos por grande parte do público, que só os procura em caráter eventual.

O mesmo não acontece com os gêneros de caráter informativo, como a notícia e a reportagem. Ao selecionar qual matéria daquela edição será destacada na manchete de primeira página, é muito raro um editor optar por um artigo, editorial ou coluna. O que chama a atenção da maioria do público – acreditam os jornalistas –, o que vende jornal, é a novidade anunciada pela notícia, é a revelação feita pela reportagem. A simples observação das primeiras páginas estampadas em qualquer banca de jornais permite constatar que são a reportagem e especialmente a notícia os gêneros que os veículos pressupõem ser os de maior consumo, de maior impacto junto ao público. Tanto, que são escolhidas para chamar vendas nas manchetes e ocupam mais da metade do espaço disponível em cada edição. É a respeito de notícias e reportagens que os leitores se costumam se manifestar, a favor ou contra, em telefonemas e cartas à redação.

A técnica da notícia

Dentre todos os gêneros jornalísticos, a notícia é o que mais usufrui da aura de imparcialidade que leva o leitor a aceitar, a priori, aquele relato dos fatos como verdadeiro e isento. É principalmente em torno dela que foi construído o mito da objetividade, responsável pela enorme acolhida e o potencial de convencimento que o jornalismo tem.

Para gozar de uma aura de objetividade, para alimentar esse mito, o jornalismo estabeleceu uma espécie de acordo com o indivíduo e as coletividades, acordo esse que vem sustentando em grande parte a aceitação do jornalismo nas sociedades contemporâneas. Sua parte no trato é produzir notícias sem distorções ou mentiras em relação aos fatos concretos. Nomes, datas e eventos veiculados na notícia podem ser comprovados até mesmo pela comparação de diferentes jornais, pois todos trazem mais ou menos as mesmas informações. Para Adriano Duarte Rodrigues, há um acordo tácito entre público e veículo:

Lemos a notícia acreditando que os profissionais não irão transgredir esse “acordo de cavalheiros” entre jornalistas e leitores pelo respeito dessa fronteira que torna possível a leitura de notícias enquanto índices do real.⁵

Por ser considerada a matéria-prima do jornalismo⁶ contemporâneo, a notícia é produzida segundo técnicas específicas que foram adotadas, em seu conjunto, de forma quase unânime pela grande imprensa. Essas técnicas dizem respeito à apuração e seleção dos fatos, escolha do vocabulário, ordenação de informações, tratamento das fontes etc.

Mas o que é notícia? De forma simplista, pode-se dizer que é o anúncio de um fato novo, o anúncio da novidade. Nem mesmo para os jornalistas parece fácil a tarefa de defini-la de modo mais satisfatório. Alguns autores tentaram explicá-la por seu conteúdo, mas a diversidade dos temas e enfoques em milhões de jornais do mundo inteiro leva à conclusão de que qualquer fato novo, qualquer fenômeno recém-percebido pode virar notícia, desde que seja capaz de gerar interesse. Isso inclui não só eventos naturalmente considerados como importantes por serem capazes de provocar consequências políticas e econômicas, a exemplo de uma decisão governamental, mas também ocorrências banais, como uma briga de condôminos por causa da presença de cachorros no edifício.

Para Nilson Lage, a diferença entre a notícia e outros formatos de texto não está no seu conteúdo ou na natureza das informações, mas na forma em que ela é redigida. Notícia, segundo ele⁷, é o fato redigido a partir do dado mais importante ou capaz de gerar maior interesse, seguindo-se as demais informações em ordem decrescente de importância. Para Lage, notícia é qualquer informação redigida em forma de notícia, o que equivale a dizer, do mais para o menos importante.

Em seu livro mais recente, Lage⁸ observa que a linguagem jornalística é transnacional: as técnicas básicas servem para redatores em diversos idiomas e culturas. Tanto nos jornais russos como nos norte-americanos, franceses e brasileiros, observa-se a ordenação dos fatos por sua importância, o uso da terceira pessoa⁹, preferência por verbos no pretérito perfeito¹⁰ e a exclusão de adjetivos¹¹ que não sejam absolutamente necessários, entre outras “regras”. Também é teoricamente consensual (embora não o seja na prática) que a notícia (salvo matérias especiais, assinadas, cuja apresentação gráfica identifique aquela cobertura como excepcional) deve apresentar ao leitor um relato objetivo e distante dos fatos, isento de avaliações pessoais ou julgamentos tanto explícitos quanto implícitos. Na notícia, de acordo com a técnica predominante na grande imprensa, só quem opina é a fonte e o texto precisa deixar bem claro de quem é a opinião, para que aquele juízo de valor não seja entendido pelo leitor como uma interferência indevida do repórter ou do veículo.

Diz ainda a técnica que toda notícia polêmica tem dois lados e ambos precisam ser ouvidos. Se alguém faz uma denúncia, a notícia tem que registrar também o que diz o acusado; se uma pessoa reclama é preciso dar voz também a quem seria o alvo da queixa; se há uma greve, a notícia tem que incluir tanto a posição do sindicato quanto a da empresa. Caso um dos lados não queira se manifestar ou não tenha sido encontrado, essa informação tem que ser passada ao leitor a fim de certificar a isenção da matéria.

A estas somam-se também técnicas específicas de apuração dos fatos, como a seleção de fontes segundo o grau de confiabilidade¹², o cruzamento de informações¹³ e os limites técnicos e éticos para o uso de declarações em *off*¹⁴, ou seja, sem que a identidade da fonte seja revelada.

A técnica da reportagem

Outro gênero jornalístico tido como eminentemente informativo é a reportagem. Se jornalistas já não acham fácil definir satisfatoriamente o que é notícia, essa dificuldade aumenta em relação ao gênero reportagem. Em primeiro lugar, é preciso distinguir os diferentes significados que a palavra adquire. Reportagem é o setor da redação incumbido de apurar e redigir notícias e reportagens, o grupo de jornalistas empenhado nessa tarefa. Independente disso, é também a designação de um gênero jornalístico específico e diferente da notícia – apesar de o leitor dificilmente perceber essa distinção.

Para Lage, a dificuldade em definir a reportagem está relacionada à amplitude de possibilidades contempladas:

Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em sua relação mais óbvia com outros fatos antecedentes, conseqüentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente, como acontece com o relato da campanha de Canudos por Euclides da Cunha. Na prática contemporânea do jornalismo impresso, existe a tendência de transformar em reportagem (sobre a construção naval, as vias navegáveis, a indústria pesada) cada fato programado (o lançamento de um novo cargueiro). Mesmo um fato inesperado (um desabamento) pode ser complementado eficientemente por uma reportagem (sobre as mazelas da construção civil), à medida em que a indústria jornalística desenvolve técnicas e processos bastante rápidos para a coleta e processamento de dados.¹⁵

São, portanto, sutis, porém perceptíveis, as distinções entre notícia e reportagem. Em primeiro lugar, a reportagem trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos¹⁶. Seu objetivo é contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos¹⁷. Enquanto a notícia é imediatista, como no caso do relato de um tiroteio entre facções criminosas, a reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente, como um levantamento sobre as facções criminosas existentes no Rio de Janeiro, a

força acumulada por cada uma delas e quais pontos de tráfico estão em disputa pelos diferentes grupos. Neste exemplo, a reportagem sobre as facções pode ter sido motivada por um determinado confronto entre elas, mas essa condição não é necessária. Muniz Sodré chama a atenção para os diferentes tempos, nesses dois gêneros:

Fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo: o fato deve ser recente e o anúncio do fato, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo.¹⁸

A observação de Muniz Sodré explica a presença recorrente de determinados assuntos na mídia, independentemente de fatos novos que os suscitem: as pesquisas sobre tratamento do câncer, o contrabando na fronteira entre Brasil e Paraguai, a luta pela preservação das tartarugas marinhas etc. A atualidade do tema corresponde ao interesse que ele possa despertar, à fatia do público potencialmente atingida por aquelas informações, ao espaço que o assunto ocupe momentaneamente no imaginário popular. Se a notícia depende de um fato novo, a reportagem, por sua vez, é produzida a qualquer momento oportuno.

Outra diferença é quanto à motivação do veículo ao produzir cada gênero. No caso da notícia, há fatos geradores de tanto interesse que um jornal que não os noticiasse sofreria uma grande perda de credibilidade. Um exemplo clássico é o acidente de avião. Independente de a companhia aérea ser anunciante de um grande jornal, o desastre terá que ser noticiado sob pena de aquele veículo passar por desinformado ou omissivo diante dos seus leitores, que fatalmente ficarão sabendo da queda da aeronave pelas rádios e TVs. Já a decisão de produzir ou não uma reportagem sobre as condições de segurança na aviação, sobre o atendimento médico para este tipo de emergência ou como funcionam as torres de controle dos aeroportos depende quase que exclusivamente da avaliação dos profissionais

daquele veículo a respeito da pertinência do assunto, sob diversos aspectos – inclusive do relacionamento com o anunciante. Em resumo, noticiar um fato depende em menor grau de uma intenção própria daquele veículo em publicá-lo, enquanto que investigar um aspecto da realidade por meio de uma reportagem depende quase que exclusivamente dessa intenção¹⁹.

Se há diferenças entre notícia e reportagem, há também as semelhanças. Uma delas é a forma – o que, no entender de Lage, é um dos fatores que dificultam ao leitor pouco atento distinguir os dois gêneros. Referindo-se à forma dos textos nesses dois gêneros, o autor afirma que, basicamente, notícia e reportagem compartilham de diversas técnicas de apuração e redação:

A segunda (razão pela qual é difícil distinguir os dois gêneros) resulta da importância que a estrutura da notícia assumiu na imprensa diária e escrita: freqüentemente, a reportagem na imprensa diária é escrita com os mesmos critérios de nomeação, ordenação e seleção similares aos da notícia e apresentada com diagramação idêntica.²⁰

A sutil distinção é que a reportagem muitas vezes relativiza esses critérios, praticando uma liberalidade maior no vocabulário, no uso de metáforas e lançando mão em larga escala de recursos de redação pouco utilizados na notícia, como a narração²¹, a descrição²² e a exposição²³.

Outra semelhança entre os dois gêneros é quanto à postura em relação aos fatos, como destaca Muniz Sodré:

É a reportagem – onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa.

Esse laço obrigatório com a informação objetiva vem dizer que, qualquer que seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial etc), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto

é, a narração sem comentários, sem subjetivações. Houve, é verdade, um período “épico”, em que o herói era o repórter (a revista *Cruzeiro dos velhos tempos* é o grande exemplo brasileiro), com sua coragem e suas opiniões. Hoje, porém, (...) é um gênero pautado por regras objetivas.²⁴

A reportagem, portanto, é assim como a notícia um gênero de caráter informativo, produzido em obediência às mesmas técnicas básicas, apesar de praticar uma liberalidade maior no uso da linguagem. Nos dois formatos de texto, o leitor comum espera encontrar isenção e objetividade, apesar de essa meta ser utópica. Tanto uma como outra podem ser publicadas sem assinatura – já que utopicamente são “fiéis espelhos da realidade” e não uma visão pessoal do repórter – assim como também podem estampar os nomes do seu autor, se essa for a decisão dos editores. Como diferença, destaca-se que a publicação da notícia reflete em menor grau uma intenção do veículo, enquanto que a publicação da reportagem, ao contrário, reflete quase que exclusivamente a intenção do veículo de divulgar aquele assunto naquele momento.

Notas

1. O Globo, 16 de março de 2003, p. 14.
2. Jornal do Brasil, 17 de fevereiro de 2002.
3. Muito raramente, O Globo publicava editoriais assinados por Roberto Marinho, então presidente do jornal. Isso ocorria nas situações em que o editorial seria reproduzido, parcialmente, no Jornal Nacional da TV Globo. Para adaptar um editorial à linguagem de TV, o apresentador era obrigado a falar textualmente “abre aspas” antes de cada período reproduzido, e “fecha aspas” ao final. Na abertura e no encerramento, o apresentador lembrava que o editorial era assinado pelo diretor-presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho.
4. O jornal O Globo, por exemplo, usa no alto do editorial o selo “NOSSA OPINIÃO”, como forma de advertir ao leitor que está diante de um texto puramente opinativo.
5. RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 30. Apud RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar na História. In: Lugar Comum, nº 11, NEPCOM-UFRJ, maio-agosto 2000, p. 35.
6. ERBOLATO, Mário. Notícia: matéria-prima do jornalismo. In: *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 49.
7. LAGE, Nilson. *A estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 16.
8. _____. *A reportagem, teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística*. São Paulo: Record, 2001, p. 20.
9. Em um texto noticioso, o jornalista escreve que “a reportagem da Gazeta de Notícias foi recebida a pedradas”, e não que “eu fui recebido a pedradas”. Da mesma forma, o IBGE divulga uma pesquisa sobre a expectativa de vida “da população brasileira”, e não “da nossa população”.

10. A técnica é de relatar o fato acabado, já acontecido, mesmo que ele venha a ter seqüência. No caso de um incêndio durar vários dias, a cada edição o jornal noticiará quantas pessoas morreram na véspera, quais partes do prédio foram destruídas, quais previsões foram feitas pelos comandantes dos bombeiros etc.
11. A adjetivação é evitada por ser carregada de subjetividade, traduzindo um juízo de valor do jornalista que pode não corresponder ao do leitor. A boa técnica recomenda que em seu lugar sejam usados dados de natureza substantiva. A notícia informa que o suspeito tinha mais de 1,85m, e não que ele era alto.
12. Os manuais de reportagem, como o da Folha de S. Paulo, estabelecem critérios para classificar as fontes em tipo zero, um, dois, três etc, conferindo a cada um desses graus um limite de confiabilidade e, dependendo disso, se há ou não necessidade de ouvir outras fontes. *Manual de Redação – Folha de S. Paulo*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 37.
13. Mesmo a informação passada por uma fonte credenciada precisa ser confrontada com outras versões. Esse cuidado não só confere credibilidade à matéria como também enriquece o texto com detalhes que a fonte principal desconhecia ou não preferiu não registrar. *Manual de Redação – Folha de S. Paulo* (2001: 27).
14. A publicação de uma informação passada em off vai depender do teor da declaração, do interesse da fonte em divulgá-la e da veracidade de outras informações passadas por essa mesma pessoa em ocasiões anteriores. MARTINS FILI IO, E. O Estado de S. Paulo – *Manual de Redação e Estilo*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1997, p. 31.
15. LAGE, N. *Ideologia e técnica da notícia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982-1979, p. 83.
16. Ibidem, p. 35.
17. LAGE, N. *A estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 61.
18. SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem*. São Paulo: Summus, 1986, p. 18.
19. Nilson Lage (2001: 114) leva ao extremo essa distinção. Para ele, a notícia independe da intenção dos jornalistas, enquanto que a reportagem decorre dessa intenção.
20. LAGE, N. *Ideologia e técnica da notícia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982-1979, p. 35.
21. A narrativa reproduz as ações em seqüência no tempo, na sua relação de anterioridade e posterioridade. É eficiente em reportagens sobre a chamada realidade material: assaltos, salvamentos etc. Por basear-se na ordem cronológica dos fatos, só é usada na notícia eventualmente, em alguns parágrafos.
22. O texto descritivo tem a função de transportar o leitor para uma determinada cena, época ou ambiente. Com a riqueza de detalhes físicos das pessoas, objetos e cenários, produz efeito pictórico, formando na imaginação do leitor a cena à qual se reporta.
23. A redação expositiva, ou dissertativa, apresenta os fatos em sua relação de causa e consequência, e não de anterioridade e posterioridade. Tampouco prende-se a detalhes físicos. É recurso muito empregado em reportagens políticas e econômicas.
24. SODRÉ, M., FERRARI, M.A. *Técnica de reportagem*. São Paulo: Summus, 1986, p. 9-10.

Resumo

As diferenciações entre dois gêneros jornalísticos – a notícia e a reportagem – no que diz respeito à natureza das informações, os recursos empregados no texto e a tomada de decisão, por parte do veículo, de produzir um e outro.

Palavras-chave

Notícia, reportagem, gêneros jornalísticos.

Abstract

A difference between journalistic genres – news and news report – about types of news making, writing purposes and decisions choice from the journalist organization.

Key-words

News, report news, journalistic gener.